

## Dossiê: Estratégias de devotos e brincantes para a religiosidade em tempos de pandemia

### O ano em que a folia não saiu: o caso da cantoria do Céu na Terra no ciclo natalino de 2020/2021

Dora Motta dos Santos

Mestranda em Cultura e Territorialidades (PPCULT/UFF)  
smotta30@gmail.com – <http://orcid.org/0000-0002-5498-1348>

#### RESUMO

Este artigo tem como objetivo abordar a cantoria do grupo carioca Céu na Terra (manifestação baseada na Folia de Reis), dando destaque ao ciclo natalino de 2020/2021, em que a manifestação cultural foi amplamente impactada pela pandemia de covid-19 e acompanhar as formas escolhidas pelo grupo para passar por este período, abordando o fato de pela primeira vez em 20 anos de tradição, o grupo ter deixado sua bandeira guardada, não saindo para as ruas e realizando o festejo apenas através de celebrações online. Nesta pesquisa, busco trazer também outros casos de coletivos populares que sofreram impactos devido à situação sanitária do país e abordar quais as estratégias escolhidas por eles para celebrar seus rituais em meio a tudo isso.

**Palavras-chave:** Folia de Reis; Cultura Popular; Antropologia Urbana; Pandemia; Céu na Terra.

## The year the revelry didn't come out: the case of the singing of Céu na Terra in the 2020/2021 Christmas Cycle

---

### ABSTRACT

This article aims to address the singing of the carioca group Céu na Terra (manifestation based on Folia de Reis), highlighting the Christmas cycle of 2020/2021, in which the cultural manifestation was largely impacted by covid-19 pandemic and follow the forms chosen by the group to go through this period, addressing the fact that, for the first time in 20 years of tradition, el grupo ha dejado su bandera en la tienda, no saliendo a la calle y realizando la celebración solo a través de celebraciones online. In this research, I also seek to bring up other cases of popular groups that have suffered impacts due to the country's sanitary situation and discuss the strategies chosen by them to celebrate their rituals in the midst of all this.

**Keywords:** Folia de Reis; Popular Culture; Urban Anthropology; Pandemic; Céu na Terra.

## El año en que no salió la juega: el caso del canto de Céu na Terra en el ciclo navideño 2020/2021

---

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo abordar el canto del grupo carioca Céu na Terra (una manifestación basada en la Folia de Reis), destacando el ciclo navideño 2020/2021, en el que la manifestación cultural se vio fuertemente impactada por la pandemia de covid-19 y para acompañar los caminos elegidos por el grupo para atravesar este período, atendiendo a que, por primera vez en 20 años de tradición, el grupo ha dejado su bandera custodiada, no saliendo a la calle y celebrando solo a través de celebraciones online. En esta investigación también busco traer a colación otros casos de grupos populares que fueron impactados por la situación sanitaria del país y abordar las estrategias que eligieron para celebrar sus rituales en medio de todo esto.

**Palabras clave:** Folia de Reis; Cultura Popular; Antropología Urbana; Pandemia; Céu na Terra.

## Introdução

A tradição brasileira da Folia de Reis tem origem ibérica e é especialmente forte na Espanha e em Portugal (SIMAS, 2018). Luiz Antônio Simas (2018) explica que esse ritual se manifesta através da formação de grupos de foliões que visitam as casas dos devotos dos Santos Reis com seus estandartes e instrumentos musicais. Entre violas, sanfonas, pandeiros, cavaquinhos, reco-recos e triângulos, os foliões cantam músicas em louvação aos Santos Reis e em troca recebem oferendas propiciatórias ao festejo. As folias costumam se formar em decorrência de promessas feitas e graças alcançadas pela ação dos Reis. Nessa tradição, o pagamento da promessa consiste na obrigação de recolher recursos financeiros para manter uma folia por até sete anos (SIMAS, 2018). De pedidos pela cura de uma doença até o desejo de conseguir um emprego, a Folia vai sendo alimentada pelas promessas feitas aos Santos Reis. No entanto, é importante destacar, a Igreja Católica não reconhece os três Reis Magos como santos. Essa canonização foi feita por seus devotos, como destaca a antropóloga Cascia Frade (2018) para a TV Brasil, no documentário “Especial Folia de Reis”.

A partir dessas reflexões, é determinante ressaltar a compreensão da Folia de Reis como uma manifestação cultural de caráter presencial e coletivo. Para além das trocas vivenciadas entre os integrantes dos grupos, ao entrarem nas casas dos devotos, a relação de escambo se expande ainda mais e os laços criados entre os sujeitos consequentemente, se estreitam.

Como podemos observar no artigo de Gilmar Rocha (2014), que estuda o tema da indumentária nessa manifestação popular, diversos pesquisadores têm como objeto as Folias de Reis:

Nos últimos anos, tem crescido o número de estudos sobre as folias de reis nas mais diferentes localidades do país com fins a desvelar os seus múltiplos sentidos e significados. Alguns desses estudos acadêmicos destacam o sistema de circulação dos objetos como o fundamento das folias (BRANDÃO, 1981; BITTER, 2010); outros colocam em evidência o esforço de manutenção da tradição e dos costumes frente ao processo de modernização das cidades (OUROFINO, 2009; KODAMA, 2009; MACHADO, 2010); também há aqueles cuja ênfase recai sobre os processos de transmissão e “reprodução” da cultura das folias (BRANDÃO, 1983; CHAVES, 2003; SOARES, 2006); outros ainda analisam a intercambialidade da religião na vida cotidiana (SILVA, 2006; MENDES, 2007); estudos sobre a eficácia musical (CARVALHO, 2009; GOLTARA, 2010) e festiva (CORNELIO, 2009) não estão ausentes dessas análises; de resto, o tema da identidade cultural também tem vez (GUEDES, 2003). (ROCHA, 2014, p. 1).

No entanto, o tema da não realização do festejo durante a pandemia ainda parece carecer de aprofundamento analítico e é o que busco trazer nesse artigo, através do estudo de caso da Cantoria de Reis do grupo carioca Céu na Terra.

É importante destacar neste artigo que apesar de eu utilizar o termo “Folia de Reis” diversas vezes para me referir à manifestação cultural realizada pelo Céu na Terra, em entrevista a um dos integrantes<sup>1</sup> fui alertada ao fato de que os componentes do grupo preferem definir como “cantoria” esse fazer cultural realizado pelos mesmos há 20 anos, em vez de “folia”. Isso se dá pelo fato de o grupo, apesar de manter uma dimensão ritual baseada nesta manifestação popular, compreender que seriam necessárias outras características para se entenderem como uma Folia de Reis, como, por exemplo, diversos aspectos tradicionais e devocionais. Tal discussão para ser aprofundada desviaria muito do objetivo deste presente artigo, mas, para iniciar uma explicação, destaco o fato de, por exemplo, a cantoria do Céu na Terra não ser composta exclusivamente por cristãos e não possuir todos os elementos “cênicos” comuns à maioria das folias, como os palhaços, por exemplo.

O Céu na Terra é composto por diversos subgrupos, como o bloco, o pastoril e a cantoria. O grupo costuma abrir seu ciclo natalino com a realização do pastoril, dia 24 de dezembro, no Largo do Machado. Apesar de fazer parte do mesmo universo simbólico, os integrantes que compõe essa apresentação não são necessariamente os mesmos da cantoria. No entanto, é possível observar que diversos foliões coexistem em ambas as manifestações.

Por volta do dia 26 de dezembro, o grupo da cantoria costumava rumar para algum interior, onde todos dormiam juntos em algum local, como uma escola, por exemplo, para passar cerca de uma semana numa imersão foliã de visitas às casas dos devotos. O grupo costumava regressar ao Rio de Janeiro por volta do dia 2 de janeiro, quando emendavam nas visitas às casas cariocas. O ciclo da Cantoria do Céu na Terra, assim como de muitos grupos cariocas, acontece até 20 de janeiro, o dia de São Sebastião, padroeiro da cidade. É importante destacar que ao fim do ciclo natalino, no entanto, começa a correria para o carnaval, com muitos ensaios e preparativos para a saída do bloco que costuma ir para a rua duas vezes, uma no chamado pré-carnaval e outra no carnaval em si. O subgrupo do bloco também conta com um formato de banda que se apresenta em outros tipos de evento nesse período, como festas, por exemplo. Explicito a logística dos festejos do

---

<sup>1</sup> Informação retirada da entrevista realizada dia 28 de novembro de 2021 com Daniel Fernandes, integrante do grupo Céu na Terra.

grupo como forma de evidenciar a verdadeira maratona vivenciada pelos integrantes do grupo no período de dezembro ao fim do carnaval, maratona esta que foi totalmente modificada devido à pandemia.

É determinante sinalizar nesta introdução o maior obstáculo enfrentado por mim e, muito provavelmente, pela maioria das pesquisas em desenvolvimento sobre a cultura popular a partir de março de 2020, uma vez que o Brasil foi incluído na pandemia de covid-19 e para barrar o avanço do vírus, diversas medidas foram implementadas, entre elas a recomendação de coibir aglomerações. Dessa forma, para cumprir suas finalidades, as festividades populares necessitaram de modificações. Os itinerários simbólicos em conjunto com as mídias virtuais foram os meios mais explorados para que a reatualização conseguisse se consolidar nesse ano pandêmico (CORRÊA, 2020).

Minha observação sobre a Cantoria do Céu na Terra começou com a pandemia. Por não ter nenhum parâmetro, acreditei que até o início do ciclo natalino a situação sanitária do país já estaria controlada. Porém, como esta se estende até os dias atuais, tudo o que eu havia pensado previamente em termos de metodologia, como, por exemplo, minha inserção e intensa participação no grupo junto aos foliões, ou seja, observação participante (WHYTE, 2005) precisou ser alterado. Num primeiro momento, fiquei apreensiva de que, ao realizar a pesquisa de modo remoto, não conseguisse uma vivência profunda dos processos da manifestação em questão, visto que existem aspectos a serem analisados que não ficam explicitados, “que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia” (VELHO, 1978, p. 69). No entanto, com o tempo fui me deixando afetar pelas trocas virtuais e comecei a compreender a possibilidade de realizar uma netnografia, ou seja, uma pesquisa etnográfica online<sup>2</sup>.

É válido destacar que ao longo desse processo de pesquisa realizado online, encontrei nos estudos sobre “etnografia da tela” (RIAL, 2004) uma contribuição metodológica importante para o meu trabalho. A autora, que faz seus estudos sobre a televisão, explica que

A etnografia, mais do que qualquer outro método, apresenta a capacidade de revelar os “espaços sociais” da televisão, a etnografia (de tela ou de audiência) sendo assumida aqui como uma prática de trabalho de campo, fundada em uma prática de coleta e análise de dados extensa e longa, que permite aos

---

<sup>2</sup> Saber mais em: KOZINETS, Robert V. Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014. 208 p.

pesquisadores atingirem um grau elevado de compreensão do grupo social ou do texto estudado, mantendo uma reflexividade. (RIAL, 2004, p. 30).

Compreender que há mais de 17 anos já se estudava esse tipo de abordagem teórica me estimulou a seguir meus estudos por esta linha. É importante destacar que, mesmo que achasse, a princípio, que isso não seria possível, através das trocas virtuais para realização desta pesquisa, me senti abraçada pelos membros do grupo com os quais tive contato direto por meio de conversas e entrevistas, além de sentir a vibração dessa manifestação cultural através das transmissões online (*lives*) que assisti no YouTube<sup>3</sup>.

Aos poucos entendi que apesar de diferente, a pesquisa não é necessariamente menos profunda por ser realizada desta forma. Enquanto a Cantoria do Céu na Terra pensava formas de celebrar o ciclo natalino, fui moldando novas estratégias, até que entendi qual seria meu objetivo: abordar justamente o fato da folia não ter saído e entender, nesse processo, quais os pontos estão sendo ressignificados pelos sujeitos e suas práticas.

## Uma rede em festa

Neste artigo, quando digo que a cantoria do Céu na Terra “não saiu” em 2020, me refiro ao fato do grupo não ter saído fisicamente. Sendo a folia um festejo popular de caráter presencial e coletivo, em tempos não pandêmicos a Cantoria do Céu na Terra atravessava o ciclo natalino, que acontece de 24 de dezembro a 20 de janeiro, realizando visitas às casas dos devotos e apresentando a cantoria em equipamentos culturais. Dessa forma, é possível compreender que o ciclo natalino de 2020/2021 foi um marco para os foliões do grupo, que pela primeira vez em 20 anos não saíram para as ruas com sua bandeira.

É interessante entender como a não realização de um dos ciclos de um ritual pode impactar diversos festejos populares brasileiros. Originalmente, a Folia de Reis, por exemplo, acontece a partir de promessas aos Santos Reis, que tem como “pagamento” que o folião contribua com a realização da folia pelos sete anos seguintes. Como interromper esse ciclo?

Em um ano pandêmico alguns elementos de festejos populares foram deslocados

---

<sup>3</sup> A maioria dos vídeos foi assistida através do canal da Cia Arteira. Disponível em [https://www.youtube.com/channel/UCDIItq\\_J2gVwCiy09rXGU4cg](https://www.youtube.com/channel/UCDIItq_J2gVwCiy09rXGU4cg). Acesso 27/04/2020.

do território original, ou seja, presencial e coletivo, para o meio virtual. “Como consequência, um misto de alegria e tristeza fizeram-se presentes, sendo perceptível a vontade do público de estar em seu lugar e constituir seus territórios e territorialidades” (CORRÊA, 2020, p. 14). O autor Jhonatan Corrêa (2020), discorrendo sobre as festas silenciosas em tempos de pandemia e a forma que alguns grupos populares encontraram para fazer seus cultos, afirma que os territórios festivos não ficaram sem seus símbolos básicos. Dessa forma, não foi totalmente proibido que os rituais acontecessem, desde que não houvesse aglomeração para que fossem realizados. Corrêa (2020) expõe sobre o caso das Festas para São Benedito em Machado, Minas Gerais, onde, por exemplo, “foi comum [...] ter alguém sentado próximo ao cruzeiro e ao mastro esperando um momento oportuno para fazer suas orações” (CORRÊA, 2020, p. 15). O autor ainda detalha:

foi realizada uma *live* que durou 3 dias com os ternos da cidade, organizada pela prefeitura com objetivo de homenagear São Benedito e sua festa. Para o acontecimento da *live*, protocolos de segurança foram estabelecidos, cada terno só poderia participar com sete integrantes. Foi um momento de saudades, homenagens, catarses e hierofanias. (CORRÊA, 2020, p. 15).

Outros dois autores que escreveram sobre festejos que não aconteceram como de costume devido à pandemia foram Lucas Bártolo e João Gustavo Martins Melo de Sousa no artigo “Notas sobre as escolas de samba e a pandemia do novo coronavírus” (2020). Nesse texto, os autores relatam sobre o enredo lançado online para 2021, pela escola Unidos do Viradouro, atual campeã do carnaval carioca: “Não Há Tristeza que Possa Suportar Tanta Alegria”, que aborda o carnaval de 1919, o primeiro depois da Primeira Guerra Mundial e da gripe espanhola:

O título refere-se à marchinha homônima lançada naquele carnaval, que se não foi o maior de todos os tempos, como é lembrado pelos cronistas, foi aquele em que o samba assumiu o protagonismo da festa e que nos apresentou o Cordão do Bola Preta. Escritores, como Nelson Rodrigues, relatam em suas memórias que o motivo para tamanha euforia era que a cidade não suportava mais chorar a dor das perdas causadas pela epidemia que assolou o mundo e matou entre 50 e 100 milhões de pessoas em diversos países. No Rio de Janeiro, então com um milhão de habitantes, estima-se que 600 mil foram contaminados e, destes, 15 mil morreram. Mal acabara de contar os mortos pelo vírus Influenza, o Rio de Janeiro saiu às ruas para se esbaldar nos salões, nos clubes, no calor das ruas, nos grandiosos desfiles das grandes sociedades, nos cortejos motorizados dos corsos, como se fosse o último Carnaval das suas vidas, brincando com estandartes e

músicas que aludiam aos fatos da dolorosa epidemia (SANTOS, 2006, p. 139 apud BÁRTOLO; SOUSA, 2020, p. 8).

Acho importante ainda a percepção dos autores quando, no mesmo texto, afirmam que “equivoca-se quem lê como normalização insensível o lançamento de um enredo para o próximo carnaval” (BÁRTOLO; SOUSA, 2020, p. 8), visto que estamos em plena pandemia, com a suspensão da temporalidade rotineira e as normas sociais desestabilizadas. Para esses autores, sonhar e elaborar planos para o carnaval, do qual não se tem certezas nem de quando, nem de como acontecerá, aparenta ser um esforço dos sambistas e artistas carnavalescos em dar prosseguimento a um processo ritual pelo qual constroem a principal manifestação simbólica coletiva do país (BÁRTOLO, SOUSA, 2020). Logo, assim como a Folia de Reis, o carnaval também tem seu ciclo de vida e morte e está tendo de encontrar formas de reinventar a celebração da festa. O carnaval morre e nasce a cada ano, morre e nasce a cada cortejo, a cada desfile, a cada bloco (FUKS, 2021). Os agentes do carnaval por sua vez, acostumados ao ciclo anual de morte e renascimento, têm empreendido a renovação das escolas de samba, que desde a sua criação morrem e ressurgem (BÁRTOLO; SOUSA, 2020), ou, concordando com termos de Bártolo e Sousa (2020, p. 9): “é dos escombros do real que poderá nascer o sonho do próximo desfile”.

Sobre essa insistência em seguir encontrando formas de ritualizar nossas datas em meio ao caos da pandemia, trago alguns pensamentos do historiador Luiz Antônio Simas (2021). Em um texto escrito em 2021 para o site do Instituto para Reforma das Relações entre Estado e Empresa (IREE), o autor defende que há quem desconfie das festas e as encare como celebrações que alienam as comunidades das situações complicadas do cotidiano, compreendendo-as como ritos de esquecimento sem maiores profundidades e por sua vez, há também “quem confunda festas com eventos desprovidos de sentidos mais amplos que o da mera celebração de datas estabelecidas pelo calendário” (SIMAS, 2021). No entanto, para o autor, os festejos populares são “como ritos de reavivamento de laços sociais” (SIMAS, 2021). Assim como a antropóloga Mariza Peirano (2003), que compreende o ritual como um fenômeno especial da sociedade – capaz de revelar representações e valores sociais, iluminando e ressaltando o que já é comum a um determinado grupo –, Simas compreende que as festas dizem muito sobre as sociedades que as festejam (SIMAS, 2021).

Portanto, podemos observar, através desses autores, que nesses festejos, principalmente se tratando de tempos marcados pelo arruinamento dos sentidos comunitários da vida, que o indivíduo se dissolve novamente na coletividade, fortalecendo

seus sentimentos de pertencimento, articulando suas sociabilidades e construindo redes de proteção social (SIMAS, 2021). Assim como refletido pela autora e pelos autores supracitados, podemos apreender dois importantes pontos: 1) o ato de festejar é ato de insurgência “contra a desumanização, o individualismo e a decadência da existência como experiência compartilhada” (SIMAS, 2021); 2) mesmo que o momento atual não seja hora de festejar, o momento futuro há de ser, por isso devemos seguir lutando cotidianamente para “fuzuês futuros” onde “haveremos de chorar os nossos mortos e, ao mesmo tempo, reafirmar a vida com subversiva alegria” (SIMAS, 2021), pois

A reconstrução do Brasil como nosso lugar no mundo – que haverá de vir a partir da luta contra o projeto de morte que cravou em Brasília a sua foice sinistra e desencantada – demandará um exercício (a partir do luto) ao mesmo tempo político, poético e transgressor. Quero crer que parte dessa reinvenção virá do redimensionamento dos ritos coletivos de afirmação da vida como experiência, ao mesmo tempo, de dor e gozo. (SIMAS, 2021).

Ou seja, a insurgência no luto de encontrar brechas para realizar o festejo, mesmo que em um formato bem menos vibrante, nos ajuda a entender esse momento como provisório sem largar de mão o ritual e seguir sonhando a folia de amanhã. Em outras palavras: é estratégia para resistir aos tempos difíceis e ferramenta política para manter nossa cultura de pé.

## **O caso da Cantoria do Céu na Terra no ciclo natalino de 2020/2021**

Em sua tese sobre as folias no estado do Rio de Janeiro (realizada antes da pandemia), Luiz Gustavo Mendel Souza (2020) conta que durante sua banca foi questionado sobre o motivo de se estudar Folia de Reis na atualidade e defendeu que

Não há, necessariamente, uma resposta para isso, mas há a possibilidade de reflexão sobre o porquê de as folias de reis atraírem nossa atenção nos dias de hoje. Nesse sentido, perguntaria como um conjunto formado por aproximadamente vinte cantores e instrumentistas com idades que variam de 4 a 70 anos consegue se organizar e realizar suas práticas rituais em meio a um contexto rural ou urbano? Que motivação moveria a manutenção e a continuidade dessas manifestações? E, o mais importante, o que nos encanta ao enxergarmos suas cores e ouvirmos o soar de seus instrumentos? (SOUZA, 2020, p. 44).

Trago esse trecho da tese de Souza (2020) para abordar justamente a dimensão da folia na vida de seus foliões. A força e o poder que esse ritual tem para os sujeitos que constroem suas práticas rituais. É um pouco dessa energia que pude captar ao longo da minha netnografia realizada no ciclo natalino de 2020/2021 com o grupo Céu na Terra e que falarei mais profundamente a seguir. A experiência do ciclo natalino de 2020/2021, o primeiro em 20 anos em que a Cantoria do Céu na Terra não saiu de forma presencial, acontecendo apenas em formato online, foi com certeza um marco na história do grupo. Pretendo abordar a seguir justamente a interrupção de uma tradição ou, pelo menos, do formato dela.

Utilizo a palavra “ritual” diversas vezes ao longo do meu texto para me referir à Cantoria do Céu na Terra, e acredito que ao utilizar esse termo seja possível auxiliar a compreensão da relação dos membros do grupo com essa manifestação cultural e dessa forma captar melhor o impacto que esses sujeitos sofreram devido a não realização da celebração como de costume. No entanto, todo o relato etnográfico que farei a seguir, vem como forma de evitar uma definição rígida e absoluta desse ritual, visto que como orienta a antropóloga Mariza Peirano, “a compreensão do que é um ritual não pode ser antecipada”, precisa ser etnográfica, ou seja, percebida pelo pesquisador em campo junto ao grupo que ele observa (PEIRANO, 2003, p. 2).

A autora afirma que

em todas as sociedades, existem eventos que são considerados especiais. Na nossa, por exemplo, distinguimos uma formatura, um casamento, uma campanha eleitoral, a posse de um presidente da república, e até mesmo um jogo final da Copa do Mundo como eventos especiais e não-cotidianos. Quando assim vistos, eles são potencialmente “rituais”. O pesquisador deve, portanto, desenvolver a capacidade de apreender o que os nativos estão indicando como sendo único, excepcional, crítico, diferente. (PEIRANO, 2003, p. 2).

Trago este ponto para deixar evidente que uso o termo “ritual” por compreender que é dessa forma que os brincantes da Cantoria do Céu na Terra a enxergam e acredito que o relato etnográfico a seguir poderá deixar explícita esta afirmação. No ciclo natalino de 2020/2021, o grupo optou por celebrar seu ritual através de uma série de “lives”<sup>4</sup> transmitidas pelo Youtube.

<sup>4</sup> Apresentações ao vivo transmitidas online.

Em meu primeiro contato com Rita Gama, uma das integrantes da folia, fui convidada a assistir alguns materiais que já estavam disponíveis nas redes e outros que ocorreriam nos próximos dias. Em termos de metodologia, resolvi seguir o conselho de Rita e assisti-los na ordem em que foram gravados: primeiro a *live* que já havia ocorrido (uma cantoria e contação de história transmitida pelo canal do Youtube dos parceiros do grupo, a Cia Arteira) e, ao vivo, as outras duas que ocorreriam no dia de Santo Reis (uma *live* do pastoril<sup>5</sup> do Céu Na Terra para o Sesc<sup>6</sup> e na sequência uma conversa, também no perfil da Cia Arteira, com dois membros do grupo sobre a folia).

Na primeira *live* que assisti<sup>7</sup> entendi que começar por ela estava sendo um acerto, visto que nesse material diversos integrantes do grupo contaram a história do Céu na Terra com a Folia de Reis e o surgimento dessa frente da companhia. A *live* foi composta por 26 brincantes da cantoria, com 16 mulheres e 10 homens, sendo em sua maioria pessoas brancas e aparentemente variando de 35 a 70 anos. Os foliões se dividiam entre 21 “quadrados”, a tela de exibição de cada participante no mosaico da tela, estando alguns sozinhos e outros acompanhados de outros integrantes do grupo.

Ao longo da *live*, o chat ficou disponível para que outros brincantes e admiradores pudessem comentar enquanto assistiam a transmissão. Entre “Viva o Céu na Terra”, “Que delícia matar saudades por aqui” e “Salve os Santos Reis!”, os comentários saudando a folia, o grupo e seus participantes traziam a impressão de um ambiente familiar e mostravam o envolvimento, o carinho e o respeito dos espectadores com a manifestação cultural.

Formado por profissionais de diversas áreas como artistas plásticos, músicos, atores, antropólogos, educadores, pesquisadores, contadores de história, artistas circenses, psicanalistas, cenógrafos, figurinistas e produtores, o grupo fundou sua bandeira há cerca de vinte anos. A *live* foi aberta com uma das integrantes de olhos fechados e mãos para cima em saudação cantando uma toada para São Miguel, que dizia

Ô meu São Miguel, meu anjo da guarda com satisfação, sou o seu filho fiel, respeito a sua farda, sua espada na mão, já que tem tantos cuidados, com os que estão resgatados e com os que ainda aqui estão. Hoje em dia de grande festa, leve tudo que ainda resta de qualquer perturbação para que os filhos dessa

---

<sup>5</sup> O Pastoril do Céu na Terra é um dos subgrupos do Céu na Terra e costuma fazer sua principal apresentação na manhã do dia 24 de dezembro, no Largo do Machado – Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> Serviço Social do Comércio.

<sup>7</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=4YHpzxKdzF4&list=PLuJXhZ-AJTNFLVsmrU5-%20lr5\\_Y2kMLgtjT&index=4](https://www.youtube.com/watch?v=4YHpzxKdzF4&list=PLuJXhZ-AJTNFLVsmrU5-%20lr5_Y2kMLgtjT&index=4). Acesso em 2 de fevereiro de 2021.

corrente e todos aqui presentes tenham paz no coração. (Canção ouvida durante a *live* do dia 29/12/2020, grifos meus).

Em entrevista realizada dia 19 de julho com Rita Gama, uma das integrantes do grupo, ela contou que esta música foi aprendida numa casa da umbanda frequentada por duas integrantes do grupo e que é canção de abertura de quase todas as cantorias que a folia do Céu na Terra faz.

Num tom sempre muito emocionado era possível observar na tela (com cada um em sua casa) que quase todos cantavam a letra juntos e que, com os olhos fechados, se emocionavam com ela. Foi nessa frequência que a conversa se iniciou, com as falas dos membros sempre transparecendo o tamanho envolvimento que têm com o festejo e a seriedade com que é feito esse trabalho.

Um dos foliões, um senhor grisalho de nome Humberto, é convidado logo no começo da conversa para falar um pouco sobre a história dos Reis Magos. Ele então conta sobre o trecho da Bíblia, gesticulando, cheio de brilho nos olhos: “e lá está a nova era deitada num cocho”, afirma Humberto e logo em seguida emenda com “eu acho que a gente agarrou nessa história” e do prazer que é seguir contando sobre isso.

Uma das foliãs, que também é integrante da Cia Arteira e que até então eu havia entendido ser “apenas” a entrevistadora da *live*, relata emocionada na sequência:

Eu tenho seguido nessa história há mais de 20 anos junto com o Céu na Terra, seguindo essa estrela e buscando esse novo que vai nascer. A cada ano realmente renasce dentro da gente essa nova esperança, essa criança que nasce a cada ano no coração de todos nós. E a gente ter essa alegria de ir a cada uma das casas que a gente visita e fazer juntos a festa do renascimento... Dessa história viva que a gente vive nos nossos dias. (Gabriela Ribas, integrante da Cantoria do Céu na Terra e apresentadora do canal da Cia Arteira no Youtube, fala retirada da *live* realizada no dia 29/12/2020).

Outra fala que me marcou muito nessa conversa foi de Humberto contando que a Folia de Reis é mais do que a narração de um trecho da Bíblia, é a “vivência dessa história”, visto que ao entrar na casa dos devotos, os foliões possibilitam que cada família visitada reviva tudo isso e que o sangue deles pulse sobre essa mesma narrativa.

Mas como vivenciar a história de forma online? Antes de começar a pesquisa, eu estava muito curiosa com esta questão: será que os grupos encontrariam formas de

ritualizar ou apenas não realizariam nenhum tipo de festejo este ano? Olhando agora, só de pensar que ao longo do ciclo natalino houve uma visita online na Academia de Letras, um pastoril e duas *lives* de 3 horas de duração, entendo que o grupo Céu na Terra de alguma forma conseguiu ressignificar seus festejos e que a folia pode não ter saído, mas, mesmo dentro de casa, ela deu um jeito de ir para o mundo.

Em entrevista, Rita me contou também que, para além das celebrações virtuais públicas, os integrantes da folia usaram o grupo de Whatsapp para dividirem alguns cantos do repertório do Céu na Terra e registros fotográficos dos presépios que cada um havia montado em sua casa.

O pastoril do Céu na Terra foi apresentado pelo canal do Sesc<sup>8</sup> na noite do dia 6 de janeiro. Apesar de entender que a folia e o pastoril são manifestações populares diferentes, trago neste texto alguns relatos sobre esta apresentação, ocorrida durante o mesmo ciclo e parte do mesmo universo simbólico.

Rita me contou que o pastoril, em tempos não pandêmicos, costuma acontecer no Largo do Machado, na cidade do Rio de Janeiro, em 24 de dezembro. No dia 26 de dezembro, no entanto, é que os foliões costumam começar a jornada da cantoria, que tem ciclo encerrado apenas no dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, padroeiro da cidade. No entanto, neste ano de 2021, o SESC convidou o grupo para realizar o pastoril no dia 6 de janeiro, dia de Reis. Ao comentar sobre isso com Rita, ela me explicou que essas manifestações se esbarram o tempo todo, e neste dia não foi diferente, visto que na sequência a apresentação, houve a conversa sobre as cantorias da Folia no canal da Cia Arteira.

Sobre a apresentação do pastoril, fiquei impressionada com a quantidade de pessoas assistindo ao vivo, eram mais de cem, além de ter me espantado com as tantas pessoas interagindo no chat. Todos pareciam muito emocionados de estar juntos celebrando o dia de Reis. “Que saudades do pastoril!”, “Viva o cordão azul!” e “Viva os Santos Reis e toda comunidade reiseira!” foram alguns dos comentários feitos pelos telespectadores.

Na descrição do vídeo dizia:

É um espetáculo inspirado nos tradicionais autos dramáticos dos Pastoris, Lapinhas, Folias e Boi de Reis combinando elementos sacros e profanos. As pastoras dos cordões azul e encarnado mediadas por Diana e pela figura do velho palhaço disputam dançando e cantando a preferência da plateia enquanto

---

<sup>8</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HTXtf9Lhdhg>. Acesso em 06/01/2021.

apresentam a história do nascimento de Jesus, convidando os presentes a refletir sobre a origem mítica da festa natalina enquanto recebem convidados como a florista, a cigana, o anjo, a borboleta e os três reis magos.

O material exibido foi gravado previamente com cada um na sua casa, visto que os membros que apareciam no vídeo também comentavam no chat ao mesmo tempo e visualmente estavam em ambientes distintos.

Não esperava por algo tão “tecnológico”, visto que a *live* apresentou, por exemplo, diversos videografismos que tornaram o produto final muito interessante e dinâmico. Dessa forma ficou evidente como o formato online, apesar de limitador em uma série de sentidos, possibilita aos artistas usufruírem de novos elementos como incremento nos rituais de festejos realizados nesse formato remoto. Sobre isso, vale destacar a importância que as redes sociais tomaram nesse processo, sendo um dos elementos a entrar na lista de novos atores cuja atuação deve ser considerada indispensável para compreensão das novas configurações que têm assumido esse festejo. Foi através delas que todas as *lives* foram divulgadas e realizadas. Além disso, há de se destacar os figurinos dos brincantes que configuraram ainda mais o caráter alegre e teatral do espetáculo, como é possível observar nesses registros retirados do vídeo.



Imagem 1: Captura de tela feita pela autora do vídeo “Natal Sesc – Pastoril Céu na Terra” exibido no dia 06/01/2021.

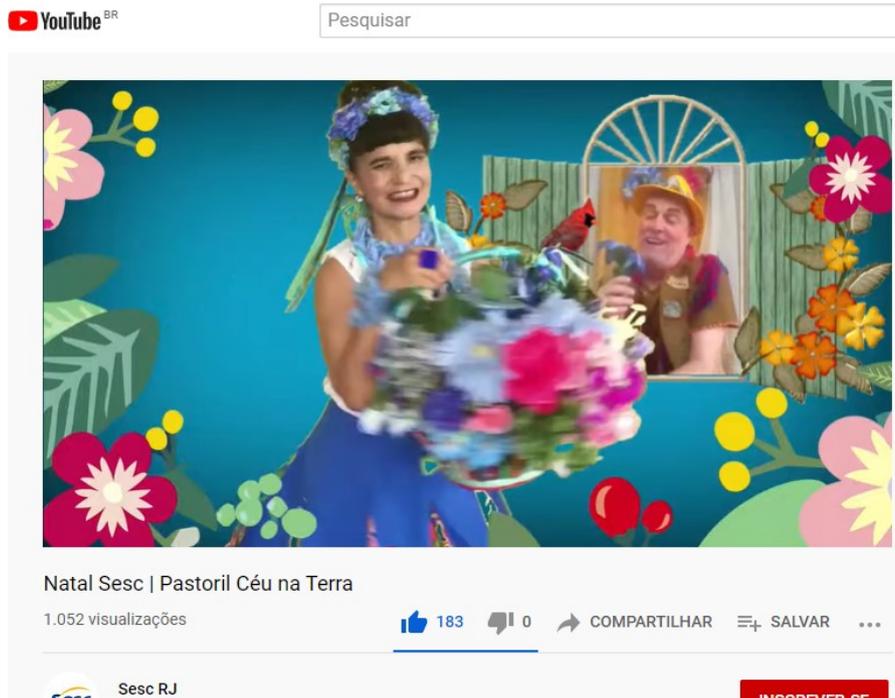


Imagem 2: Captura de tela feita pela autora do vídeo “Natal Sesc – Pastoril Céu na Terra” exibido no dia 06/01/2021.



Imagem 3: Captura de tela feita pela autora do vídeo “Natal Sesc – Pastoril Céu na Terra” exibido no dia 06/01/2021.

A *live* durou cerca de 50 minutos, recheada de cantorias e diálogos que contaram um pouco do universo dos tradicionais autos dramáticos dos Pastoris, Lapinhas, Folias e Boi de Reis. Um pouco mais tarde, no mesmo dia, começou a *live* sobre Folia de Reis com

Daniel Fernandes e Wagner Chaves (também chamado de Waguinho)<sup>9</sup>. Ambos são fundadores do Núcleo de Cultura Popular Céu na Terra e, junto a esse coletivo de artistas e educadores, vêm desde 1997 se dedicando à pesquisa e criação de espetáculos e cortejos inspirados nas tradições populares brasileiras.

Acho importante destacar que tanto Wagner, quanto Daniel tem formação acadêmica no campo da cultura popular. Daniel Fernandes é Mestre em Música pelo Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO e Bacharel em Música Popular Brasileira, com Licenciatura Plena em Música pela mesma universidade. Além disso, é professor de Educação Musical do Colégio Pedro II, desde 2007.

Wagner Chaves é antropólogo, músico e pesquisador das festas e tradições populares brasileiras. Tanto sua pesquisa de mestrado, quanto de doutorado foram sobre as jornadas rituais das folias de Santos Reis nos estados do Rio de Janeiro e norte de Minas Gerais, além de ter publicado o livro “Na Jornada de Santos Reis: Conhecimento, Ritual e Poder na Folia do Tachico” (Edufal: 2013) e diversos artigos abordando temas como cultura popular, religiosidade, ritual e performance. Atualmente Wagner é professor do Departamento de Antropologia Cultural (DAC) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGSA/IFCS/UFRJ)<sup>10</sup>.

A *live* começa em tom de muita intimidade, aparentando uma grande conversa entre amigos íntimos, sem grandes formalidades. Antes de começar a falar, Daniel conta que precisa louvar Santos Reis e começa a tocar com sua viola uma canção que fala sobre sua chegada. Ao abrir sua fala, Daniel comenta o quanto é especial estar fazendo aquela *live* no dia de Santos Reis e revela que é a primeira vez em 20 anos em que a Cantoria do Céu na Terra não sai para a rua. Daniel fala um pouco sobre como esse festejo do grupo é uma releitura da Folia de Reis muito própria do Céu na Terra e conta sobre o fato de que o trecho da Bíblia que fala sobre os reis magos é bem pequeno, mas que sua reverberação foi e é imensa. O músico comenta que “a tradição foi criando história e mais histórias e significados e símbolos e uma coisa muito linda na vida das pessoas”.

Ao longo de toda entrevista me veio à mente como era simbólico para aquelas pessoas estarem em suas casas no dia de Reis. Digo isso, porque é muito forte pensar que

---

<sup>9</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=HacrO5rU2LM&list=PLuJXhZ-AJTNFLVsmrU5-lr5\\_Y2kMLgtjT&index=5](https://www.youtube.com/watch?v=HacrO5rU2LM&list=PLuJXhZ-AJTNFLVsmrU5-lr5_Y2kMLgtjT&index=5). Acesso em 6 de janeiro de 2021.

<sup>10</sup> As informações de ambos os currículos foram encontradas na descrição da *live* e adaptadas para esse texto.

nos últimos 20 anos este período foi marcado por uma logística intensa ligada ao grupo Céu na Terra.

De volta à entrevista, Gabriela passa a palavra para Wagner que inicia falando sobre o dia 6 ser o fim do ciclo natalino e sobre a perspectiva cíclica da vida e da folia, com seus recomeços e encerramentos. Wagner comenta que esse encerramento de ciclo costuma ser um dia em que os foliões ficam felizes e fortalecidos por tudo que até ali viveram, mas carrega também uma tristeza embutida porque sabem que ficarão um ano sem se encontrar. Fica claro para quem assiste que ambos os entrevistados enxergam tamanha importância em ritualizar as aberturas e os encerramentos.

Daniel conta que para ele, “o folião vive um tempo fora do tempo”, o que nos aproxima do entendimento de que há uma estreita relação entre o ritual e as festas (DURKHEIM, 1968; AMARAL, 1998) e da afirmação de que “toda festa ultrapassa o tempo cotidiano” (AMARAL, 1998, p. 17). Essa fala de Daniel também se assemelha à ideia de liminaridade de Victor Turner (1974). Este “tempo fora do tempo” pode ser entendido muitas vezes como o tempo da festa; do ritual; da liminaridade. É possível compreendê-lo como algo fora da rotina, do trabalho e do cotidiano daquelas pessoas. Daniel conta que entre o dia 24 de dezembro e 6 de janeiro, costuma haver folia todos os dias, havendo lugares em que a folia sai dia 24 e só volta dia 6. Uma verdadeira jornada em meio à vida daqueles trabalhadores.

Nos relatos fornecidos por Rita Gama na entrevista que ela me deu fica evidente este “tempo fora do tempo”. Rita contou diversas histórias sobre a verdadeira maratona que os membros do grupo vivem normalmente no ciclo natalino, com direito a planilhas para saber a quantidade de lanche que precisarão comprar para alimentar a todos durante todos os dias de viagem e reuniões para debater sobre a logística de transportes para levar todos os integrantes. É importante destacar ainda como esses relatos destacam a força da folia na vida daquelas pessoas, visto que nenhum dos membros do grupo se mantém financeiramente com tais atividades, precisando além das demandas pessoais, cumprir com suas obrigações profissionais.

Em tempos de isolamento social, com tantas pessoas quarentenadas em suas casas há mais de um ano (ainda mais se tratando do início do ano de 2020, em que o isolamento social estava sendo mais respeitado), uma das falas que achei mais fortes da entrevista foi a de Waguinho explicando que

a perspectiva da folia é o movimento, é a viagem, é o deslocamento, a disponibilidade para se mover. O ser humano é um ser movente, criando lugares, jornada, giro. O giro é fazer um deslocamento amplo num território, mas que você retorna para esse ponto. Esse ponto é o eixo central da folia, do imperador e do festeiro do ano. Esse giro vai variar de dias em dias. Tem giro que dura, por exemplo, 9 dias. Meter as caras com outras pessoas sem saber o que vai encontrar. Saber andar, como andar, que lugares passar, que lugares não atravessar é muito importante. Saber chegar numa casa, saber pedir licença, saber sair, saber receber. Você está dramatizando um bando de relações muito básicas. A casa, o território... A relação com a comida... com a partilha disso tudo. (Wagner Chavez, integrante da Cantoria do Céu na Terra, fala retirada da *live* realizada no dia 06/01/2021).

## Considerações finais

Em certo momento da *live* realizada no dia 6 de janeiro, Daniel, falando sobre o envolvimento do folião com o ritual e como essa prática se envolve na vida das pessoas, destacou: “a pessoa estava trabalhando e pensando em versos” e afirma um pouco depois

apesar de estar engolido pela máquina industrial a cultura burla isso. A cabeça dele está fervilhando de versos que ele vai jogar na próxima roda... Esses ritos vão uma vida pras vidas todas que estão em volta disso tudo aí, é por isso que a folia subsiste, se refaz e se recria e segue adiante, porque não ter isso na vida faz muita falta. Aí é realmente só ficar apertando parafuso. (Daniel Fernandes, integrante da Cantoria do Céu na Terra, fala retirada da *live* realizada no dia 06/01/2021).

E é dessas falas que, no meu entendimento, vem o motivo pelo qual, mesmo com um ano sem sair para as ruas, a Cantoria vai seguir com toda força e vai encontrar caminhos criativos para manter seus rituais enquanto a pandemia não acaba e preparar o coração para colocar a bandeira para visitar as casas assim que for possível. Da forma como a própria Gabriela afirma um pouco mais adiante na entrevista: para o folião é uma necessidade quase fisiológica ritualizar a folia.

Sobre as falas de Wagunho e Gabriela, trago alguns pensamentos de Rita Amaral em seu texto “As mediações culturais da festa”, de 1998, em relação à obra *Les formes elementaires*, de Durkheim (1968):

A festa também é capaz de colocar em cena, segundo Durkheim, o conflito entre as exigências da “vida séria” e a própria natureza humana. Segundo seu modo de ver, as religiões e as festas refazem e fortificam o “espírito fatigado por aquilo

que há de muito constrangedor no trabalho cotidiano”. Nas festas, por alguns momentos, os indivíduos têm acesso a uma vida “menos tensa, mais livre”, a um mundo onde “sua imaginação está mais à vontade”. (DURKHEIM, 1968, p. 543-547 apud AMARAL, 1998, p. 2).

Considerando este papel atribuído às festas como válido para os festejos abordados, uma questão que vem à tona é a de entender como esses festejos cumprem esse papel nas condições impostas pela pandemia de covid-19 e pelos protocolos de segurança sanitária dela resultantes. Em tempos pandêmicos, como colocar em prática uma manifestação configurada principalmente pelo seu caráter coletivo, que tem como característica a entrada de uma aglomeração de foliões na casa de outras pessoas? Mas se tratando de algo tão visceral na vida dessas pessoas, como abrir mão de realizar esse festejo?

Seguindo sua fala sobre este conflito da “vida séria” e própria natureza que este festejo traz, Waguiinho conta emocionado que a Folia é mais que um estado de espírito, “é uma frequência própria”. Quando chega perto do período natalino, a Folia se impõe e é por isso que muitos foliões saíram esse ano apesar da pandemia. “É uma coisa muito forte, é uma obrigação, no sentido de ser incontornável, ela é quase uma força que chega e não tem como não fazer, você tem que dar vazão pra ela”, afirma ele.

Ele conta que quando chega perto do tempo da folia, começa a vir, através de diferentes caminhos, como pelos sonhos, por exemplo, a energia dela e quando você vê já começa a sonhar com versos: “esses dias aí eu tive um sonho muito forte com a folia”, “é muito forte. É vital. Não existe uma vida sem folia pra essas pessoas”. Conta que devido a esse fato, é muito complexo quando se observa em algumas regiões do país que as pessoas deixam de sair com a folia porque mudam de religião, devido a um crescimento da comunidade de evangélicos, por exemplo.

Waguiinho explica que há uma desconstrução que vai retirando algo que é o sentido da vida, o significado do viver para essas pessoas e pra quem faz folia e fecha a fala afirmando que “nas maiores dificuldades a folia aparece como o que dá sentido pras coisas e isso não é pouca coisa, né. Isso é muita coisa”. E é mesmo. Pude perceber, assistindo a essas cantorias e entrevistas online com a Cantoria do Céu na Terra, que a não realização da folia (pelo menos de forma oficial) impactou fortemente o emocional dos integrantes do grupo. É curioso pensar que justamente a forma como muitos integrantes encontram para aliviar os desafios da vida, neste caso da pandemia, pode ser um vetor de contágio do vírus.

Mas compreendo também que as brechas encontradas para a ritualização do festejo, mesmo que de forma miúda e online, foram uma busca por manter viva essa tradição e extravasar um pouco da energia direcionada todos os anos pelos integrantes para com o ciclo natalino, dessa forma levando para os seus brincantes um pouco do aconchego relatado por Waguinho.

Considerando a forma encontrada pela Cantoria do Céu na Terra para realizar seu ciclo natalino, proponho aqui discutir sobre o processo de desterritorialização desses festejos, antes realizados de forma presencial, e agora virtual e para isso aciono alguns conceitos de Rogério Haesbaert (2004).

Num primeiro momento é possível pensar que nessa transição para o ambiente online houve um processo de desterritorialização desta folia, que perde algumas das suas características mais fortes como o cortejo pelas ruas e a entrada nas casas dos brincantes. No entanto, apesar dessa brusca mudança, esses sujeitos em nenhum momento ficam sem o seu território, visto que encontram formas, mesmo que precárias, de viver a territorialização e de significar seu espaço construindo suas territorialidades. Mais do que a perda ou desaparecimento do território, podemos compreender este processo como uma multiterritorialidade (HASBAERT, 2004).

A contemporaneidade acentua uma vivência em múltiplos territórios. HAESBAERT (2004) chama atenção para como neste momento os *territórios rede* ganham uma potência muito maior que os *territórios zona*, sendo os *territórios zona* mais concretos, relacionados às áreas onde vivemos e os *territórios rede* mais abstratos. Para o autor, o que vivemos hoje é o que podemos chamar de “múltiplos territórios”, ou seja, diversas possibilidades de habitar/praticar os territórios. O autor compreende também que nesse processo, devido a intensa ampliação dos *territórios rede* – pode-se enxergar uma “multiterritorialidade”, que trata-se da nossa capacidade de ou sucessivamente ou concomitantemente viver experiências territorializantes diversas.

No entanto, acho importante destacar que há um limite de classe nesse processo, que coloca em jogo as territorialidades precárias e as mais ampliadas (HASBAERT, 2004). O caso da Cantoria do Céu na Terra pode ilustrar bem este fato. O grupo é composto por pessoas em sua maioria de classe média que têm amplo acesso à internet, por exemplo, facilitando dessa forma que fosse realizado o ciclo natalino nas redes e, assim, pudessem ocupar diversas territorialidades – como suas casas, as casas dos espectadores, o território do afeto em torno desse ritual etc.

Por outro lado, é possível observar neste processo uma territorialização precária, que se dá pela falta de condição de manter o encontro, os afetos, sensações, acolhimento, calor humano, mas disponibiliza, por exemplo, a outros públicos que antes não poderiam acompanhar o ritual, se expandindo principalmente à quem tem acesso à tecnologia.

Para concluir o presente artigo, gostaria de destacar que ao fim da minha entrevista com Rita, a questioneei se já havia algum plano para a folia de 2021/2022. Rita me respondeu que possivelmente o grupo decidirá em cima da hora se a bandeira sairá ou não neste próximo ciclo natalino. Ela afirma que não sair com a folia enquanto a situação da pandemia não estiver controlada é uma questão de responsabilidade e comenta

é muito complicado, né, porque a gente entra na casa das pessoas. Casas sem ventilação às vezes, pequenas... e você não sabe, a gente pode estar de máscara, mas talvez os moradores não estejam... então assim, eu sou da turma que puxo o freio de mão (Rita Gama, integrante da Cantoria de Reis, entrevista, 19 de julho de 2021).

Por aqui vou acompanhando os próximos passos dos foliões e através de entrevistas e observando as redes sociais do grupo, vou compreendendo quais foram as decisões tomadas com relação a sair ou não com a folia no ciclo de 2021/2022. É tempo de acalmar as ansiedades e assim como os foliões, entender, aos poucos, como pesquisadora, quais as melhores formas de lidar com este momento.

## Referências

AMARAL, Rita. As mediações culturais da festa. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*, v. 3, n. 1, p. 13-22, 1998.

ARTEIRA, Cia. Companhia Arteira Convida – Ciclo Natalino – Daniel Fernandes e Wagner Chaves – Folias de Reis. *Youtube*, 6 de janeiro de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HacrO5rU2LM>. Acesso em 6 de janeiro de 2021.

ARTEIRA, Cia. Companhia Arteira Convida - Ciclo Natalino - Cantoria de Reis do Céu na Terra. *Youtube*, 30 de dezembro de 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4YHpzxKdzF4>. Acesso em 2 de fevereiro de 2021.

BÁRTOLO, Lucas; SOUSA, João Gustavo Martins Melo de. Notas sobre as escolas de samba e a pandemia do novo coronavírus. *Cadernos de Campo*, vol. 29, suplemento. São Paulo, pp. 194-203, 2020.

CORRÊA, Jhonatan da Silva. Festas silenciosas: formas de cultura perante a pandemia. *Anais*. Anais do 4º Workshop de Geografia Cultural. Territorialidades do sagrado: abordagens da geografia da religião, 2020.

DURKHEIM, Émile. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF, 1968.

FRADE, Cascia. Especial Folia de Reis TV Brasil. *Youtube*, 30 de maio de 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LpQgSe7Pem8&t=202s>. Acesso em: 29/04/2021.

FUKS, Julian. Sobre outros carnavais – ou sobre aquilo que não há de morrer em nós. *Site UOL*, 13 de fevereiro de 2021. Disponível em <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/julian-fuks/2021/02/13/sobre-outros-carnavais--ou-sobre-aquilo-que-nao-ha-de-morrer-em-nos.htm>. Acesso em 15/04/2021.

HAESBAERT, Rogério. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto Alegre, 2004.

KOZINET'S, Robert V. *Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online*. Penso Editora, 2014.

PEIRANO, Mariza. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

ROCHA, Gilmar. A roupa animada: persona e performance na jornada dos santos reis. *Revista Cronos*, p 8-34, fev, 2014.

SESC. Natal Sesc | Pastoril Céu na Terra. *Youtube*, 6 de janeiro de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HTXtf9Lhdhg>. Acesso em 06/01/2021.

SIMAS, Luiz Antônio. *Almanaque brasilidades: um inventário do Brasil popular*. Bazar do Tempo, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio. Fogueiras para encantar a vida. *Site IREE*, Rio de Janeiro, 24 de junho de 2021. Disponível em <https://iree.org.br/fogueiras-para-encantar-a-vida/>. Acesso em 20/07/2021.

SOUZA, Luiz Gustavo Mendel. *Giros Urbanos: uma etnografia da festa do arremate da folia de reis no estado do Rio de Janeiro*. Belo Horizonte: Ancestrre, 2020.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis, Vozes, 1974.

RIAL, Carmen. Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação. *Antropologia em primeira mão*, v. 9, n. 74, p. 4-74, 2004.

VELHO, Gilberto. *Observando o familiar*. Zahar, 1978.

WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina*. Zahar, 2005.

Recebido em 30 de agosto de 2021

Aceito em 27 de dezembro de 2021